

A Internacional Situacionista e a ideia de um mundo sem fronteiras

Alex de Carvalho Matos*

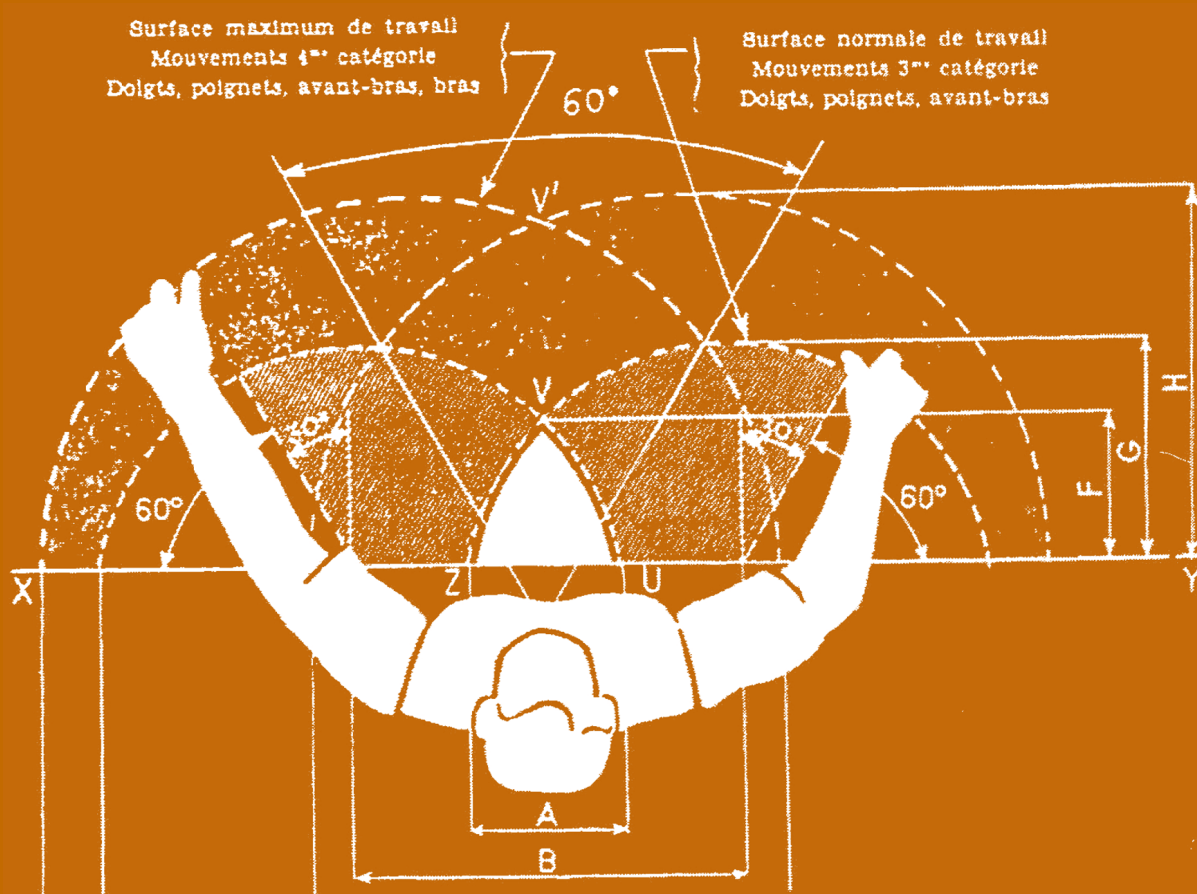


Figura da página anterior:

Surfaces maxima et normales de travail dans le plan horizontal.
 Fonte: Boletim n. 6 da Internacional Situacionista, p.35. (Imagem acrescentada pela Revista Risco ao presente artigo)

Resumo O recente debate pautado por Balibar, Simone, Mbembe e Boaventura sobre a ideia de “um mundo sem fronteiras” evoca questões colocadas há mais de meio século pela Internacional Situacionista. Em torno da ideia de *Urbanismo Unitário*, este movimento de vanguarda articulou as interpretações de Guy-Ernst Debord (1931-1994) sobre a *psicogeografia* e a prática da *deriva* e as experimentações teórico- artísticas de Aton Constant Nieuwenhuys (1920-2005) na pintura, na escultura e na arquitetura, colocando a superação de fronteiras como uma tarefa fundamental de sua agenda revolucionária. No presente artigo, tendo como pano de fundo a crítica à *colonialidade*, são discutidas as afinidades entre o Urbanismo Unitário do pós-guerra e o atual debate sobre “um mundo sem fronteiras”.

Palavras-chave: fronteira, situacionismo, colonialidade.

La Internacional Situacionista y la idea de un mundo sin fronteras

Resumen El reciente debate guiado por Balibar, Simone, Mbembe y Boaventura sobre la idea de “un mundo sin fronteras” evoca preguntas planteados desde hace más de medio siglo por la Internacional Situacionista. En torno a la idea del Urbanismo Unitario, este movimiento de vanguardia articuló las interpretaciones de Guy-Ernst Debord (1931-1994) sobre la psicogeografía y la práctica de la deriva con los experimentos teórico-artísticos de Aton Constant Nieuwenhuys (1920-2005) en la pintura, la escultura y la arquitectura, colocando la superación de fronteras como tarea fundamental de su agenda revolucionaria. En este artículo, en el contexto de la crítica a la colonialidad, se discuten las afinidades entre el Urbanismo Unitario de posguerra y el debate actual sobre “un mundo sin fronteras”.

Palabras clave: frontera, situacionismo, colonialidad.

The Situationist International and the idea of a world without borders

Abstract The recent debate guided by Balibar, Simone, Mbembe and Boaventura on the idea of “a world without borders” evokes questions raised for more than half a century by the Situationist International. Based on the idea of Unitary Urbanism, this avant-garde movement articulated the interpretations of Guy-Ernst Debord (1931-1994) on psychogeography and the practice of drift and the theoretical-artistic experiments of Aton Constant Nieuwenhuys (1920-2005) in painting, in sculpture and architecture, placing the overcoming of borders as a fundamental task of its revolutionary agenda. In this article, against the backdrop of the critique of coloniality, the affinities between the post-war Unitary Urbanism and the current debate on “a world without borders” are discussed.

Keywords: border, situationism, coloniality.

— **“P**odemos imaginar um mundo sem fronteiras?”, pergunta a jornalista Béatrice Bouniol ao filósofo francês Étienne Balibar e ao linguista italiano Raffaele Simone em entrevista publicada em fevereiro de 2018¹. No mês seguinte, em uma palestra na Universidade de Yale, o filósofo camaronês Achille Mbembe também chama atenção para a mesma questão, sublinhando a necessidade de “reengendrar um mundo sem fronteiras”². Em meados de 2019, o economista português Boaventura de Souza Santos envereda nessa mesma problemática para demonstrar o “dramático impacto” que ela apresenta³. Sintoma do mal-estar generalizado em torno dos últimos acontecimentos relativos à imigração de refugiados, tal sequência de abordagens procura arejar a hostil paisagem geopolítica do presente, seja reivindicando revisões na Declaração dos Direitos Humanos (Balibar e Simone), buscando um contraponto utópico com base nas cosmogonias dos povos Dogon e da África Equatorial (Mbembe), ou ainda nutrindo esperanças na “emergência de movimentos e associações de jovens que se rebelam contra as fronteiras” (Boaventura).

Há quase meio século, a *Internacional Situacionista* (IS) também se colocou diante da questão. Entretanto, naquele momento, a ideia de “um mundo sem fronteiras” emergia menos como uma utopia do que como a *possibilidade* aberta pelo momento histórico. Em seu documento de fundação, de junho de 1957, Guy-Ernest Debord observou que “a cada ano aparece mais nítido o problema da dominação racional das novas forças produtivas e da formação de uma civilização, em escala mundial”⁴. Por um lado, tal conjuntura pode ser caracterizada pela expressão “trente glorieuses”⁵, quadro no qual tanto a França – com a mais elevada “taxa de crescimento do rendimento por hora de trabalho”⁶ do mundo nos anos cinquenta –, quanto os “países subdesenvolvidos ou coloniais” participam de um intenso processo de industrialização; por outro lado, indissociável deste processo, a “prodigiosa aceleração da velocidade que, fazendo colidirem os continentes, abolindo os oceanos, suprimindo os desertos, coloca em contato brusco grupos humanos carregados de eletricidades contrárias”⁷. Trata-se da “idade do Jato”⁸, tempo da intensificação da expansão supostamente ilimitada da sociedade moderna em regiões tão longínquas quanto o Planalto Central brasileiro – onde Brasília oferece uma monumental homenagem àquela era⁹ –, e também da emergência do Terceiro Mundo¹⁰, com a eclosão de movimentos anti-imperialistas, anticoloniais, e por direitos civis¹¹.

No presente artigo, investigaremos as afinidades entre aquilo que a I.S. considerou como “o último estágio de desenvolvimento” alcançado pelas “perspectivas ação” sobre esse “cenário” – “a concepção de um urbanismo unitário”¹² – e o debate contemporâneo sobre “um mundo sem fronteiras”. Tendo como pano de fundo a crítica à colonialidade que emerge nesse interregno¹³, consideraremos as contribuições de duas figuras: do então letrista Guy-Ernest Debord (1931-1994) e do artista Aton Constant Nieuwenhuys (1920-2005) – afinal, “a ideia de um urbanismo unitário foi preparada, de um lado, por experiências como a deriva e a psicogeografia, inventadas e praticadas pelos letristas”, grupo do qual nasce a I.S.; “de outro lado”, advoga o

* Alex de Carvalho Matos é Arquiteto e Urbanista, Compõe o corpo técnico da Pró-Reitoria de Planejamento da Universidade Federal de São Paulo - PROPLAN, ORCID <<https://orcid.org/0000-0002-2498-6981>>.

artista, “pela pesquisa na construção que alguns arquitetos e escultores modernos realizaram”¹⁴.

Tomemos como ponto de partida *Introdução a uma geografia urbana*, texto de Debord publicado na revista *Les lèvres nues* n. 6, em setembro de 1955, onde aborda a noção de *psicogeografia*. O termo, que “guarda uma imprecisão interessante”, foi sugerido por um “cabila analfabeto”¹⁵. Com essa ironia, Debord chama atenção para o olhar ocidental acerca da tradição oral dos poetas cabila, povo de origem berbere e que habita a região montanhosa da Cabília, nordeste da Argélia. O gesto, além de demarcar uma crítica direta aos franceses, que no momento tinham a Argélia como colônia, foi, “sem dúvida, um reconhecimento explícito do trabalho de alguns argelinos” da Internacional Letrista (e que depois integrariam a Internacional Situacionista). A referência aqui é feita aos “diferentes manifestos de Hadj Mohamed Dahou, Cheik Ben Dhine e Ait Diafer”, que “convocam” uma “consideração revolucionária universalista, livre em princípio da causa do nacionalismo”¹⁶. Indo mais longe nesse pano de fundo ao qual a psicogeografia se vincula, alcançamos outra camada do significado de “cabila”. Os “cabilas” – ou *kabyles*, em francês –, por serem berberes, se autoidentificam como “Imazighen”, que significa na sua própria língua “homens livres”. No período da colonização francesa, isso teria ecoado dos jovens cabilas que incitaram um movimento conhecido como berberismo (berbérisme) durante a Segunda Guerra Mundial (1941-1945), ampliado no período da independência argelina (1962) e ainda forte na região e nas comunidades diaspóricas cabilas¹⁷. Cabila foi também Mouloud Mammeri (1917-1989), “escritor prolífico, dramaturgo, poeta, lingüista, antropólogo de sua terra natal e dos povos de línguas berberes”¹⁸, cuja oralidade foi subjugada a um destino tão polêmico quanto o de Homero na historiografia ocidental, que postula que “ou a poesia homérica é dotada de sabedoria, e não pode ser oral; ou é oral, e não pode ser dotada de sabedoria”¹⁹.

A “imprecisão interessante” apreciada por Debord na psicogeografia parece residir nesse dilema entre um saber e uma prática. Apresentado como “um estudo das leis exatas e dos efeitos precisos do meio geográfico, planejado conscientemente ou não, que age diretamente sobre o comportamento afetivo dos indivíduos”, o “adjetivo psicogeográfico” pode ser “aplicado aos dados estabelecidos por esse gênero de pesquisa, aos resultados de sua influência sobre os sentimentos humanos e até, de modo mais geral, a qualquer situação ou conduta que pareçam provir do mesmo espírito de descoberta”. Seu intuito é combater o aspecto utilitário do urbanismo, que consistiria apenas em “melhorar o tráfego do crescente número de veículos automotores”. A aposta é que “um urbanismo futuro se dedique a construções, igualmente utilitárias, que levem em consideração as potencialidades psicogeográficas”²⁰ e que busque tornar a vida “um jogo integral apaixonante” em “ambiências mais interessantes”. Debord está ciente da “dificuldade desse projeto [em] mesclar propostas aparentemente delirantes com uma dose de sedução séria”, mas isso não significa qualquer intimidação à possibilidade de, com isso, superar a “velha organização social”:

*“É até de interesse político opor publicamente tais desejos aos desejos primários que não param de ser remoldados seja pela indústria cinematográfica, seja pelos romances psicológicos, como os do enfadonho Mauriac”*²¹.

Debord não ambiciona outra coisa senão revolucionar os próprios desejos por meio da experiência topográfica do corpo em “deslocamentos de aspecto não gratuito,

mas totalmente insubmisso às solicitações habituais”. Seria esta uma premissa para a “transformação revolucionária do mundo, de todos os aspectos do mundo”, que daria “razão a todas as ideias de abundância”²². Por isso, “as pesquisas que precisam ser feitas sobre a disposição dos elementos do quadro urbano, em estreita ligação com as sensações que eles provocam, exigem hipóteses arrojadas que convém corrigir constantemente, à luz da experiência e pela autocrítica”, pois para o letrista não se pode oferecer boas soluções a serem aplicadas, da mesma forma que não existe um modelo de belo a ser alcançado, uma vez que “a nova beleza só pode ser de situação”, a “apresentação tão emocionante [...] de uma soma de possibilidades”²³. Pela mesma razão, a psicogeografia não coaduna com a ideia de que o “imaginário é o que tem a tendência a se tornar real”. Para Debord, o caráter “restritivo” dessa aposta “pode servir como pedra de toque e mostrar algumas paródias da revolução liberária: o que tende a permanecer como ideal é a tagarelice”. Seu horizonte, não por acaso, é a “construção integral da arquitetura e do urbanismo” – “construção cujo poder será um dia conferido a todos”²⁴: seria este o campo privilegiado para a mediação entre vontade e experiência.

Em *Teoria da Deriva*, outro escrito de Debord, publicado também na *Les lèvres nues*, agora no n. 9 (novembro de 1956), o letrista se dedica a encontrar uma estratégia para efetuar a análise psicogeográfica. “Entre os diversos procedimentos situacionistas, a deriva se apresenta como uma técnica de passagem rápida por ambiências variadas”. Seu conceito está “indissolúvelmente ligado ao reconhecimento dos efeitos de natureza psicogeográfica e à afirmação de um comportamento lúdico-constructivo, o que o torna absolutamente oposto às tradicionais noções de viagem e passeio”. Trata-se da disposição de “uma ou várias pessoas” em rejeitar, “por um período mais ou menos longo”, os “motivos de se deslocar e agir que costumam ter com os amigos, no trabalho e no lazer, para entregar-se às solicitações do terreno e das pessoas que nele venham a encontrar”. Isso não significa que a parte “aleatória” da deriva seja “tão determinante”. O enfoque está no “relevo psicogeográfico das cidades, com correntes constantes, pontos fixos e turbilhões que tornam muito inóspitas a entrada ou saída de certas zonas”. Nisso, a deriva se aproxima da “ecologia” – “por mais limitado que seja a priori o espaço social que esta ciência pretende estudar”. Debord entende que a “análise ecológica” deve ser “utilizada e completada pelo método psicogeográfico”²⁵.

Mas “enquanto a psicogeografia não está de todo consolidada”, a ação do acaso, enquanto um gesto que partilha com a aleatoriedade a possibilidade de um desvio, ainda cumpriria um “importante papel” na deriva, mesmo que a “ação do acaso” seja considerada “naturalmente conservadora” e tenda à “alternância de um número limitado de variantes e ao hábito”. Confiante que o “progresso consistirá” na “ruptura de um dos campos onde ocorre o acaso” por meio da “criação de novas condições mais favoráveis a nosso desígnio”, Debord considera ser “possível afirmar que os acasos da deriva são fundamentalmente diferentes dos do passeio, e que os primeiros atrativos psicogeográficos descobertos correm o risco de fixar o sujeito ou o grupo derivante em torno de novos eixos habituais, para os quais tudo os leva constantemente”²⁶. A deriva não busca fazer do acaso o seu fim, mas um meio pelo qual poderia configurar novos hábitos. A noção de *detournement* traz exatamente essa ideia: o termo faz referência às *plaques tournantes*, um dispositivo em uma ferrovia que possibilita uma mudança de direção, mas não o abandono dos trilhos²⁷.

São tais procedimentos que permitem à deriva ambicionar a superação de “fronteiras” geográficas, considerando, no entanto, que “a extensão máxima desse campo espacial não ultrapassa o conjunto de uma grande cidade e seus subúrbios”²⁸. Ao medir “distâncias que separam de fato duas regiões da cidade, distâncias que são bem diferentes da visão aproximativa que um mapa poder oferecer”, a deriva possibilita uma “cartografia influenciada”; não procura “delimitar exatamente continentes duráveis”, mas “mudar a arquitetura e o urbanismo”:

*“As diferentes unidades de atmosfera e de moradia não são hoje muito nítidas, e [as] são cercadas de margens fronteiriças mais ou menos extensas. A mudança mais geral, que a deriva leva a propor, é a diminuição constante dessas margens fronteiriças, até sua completa supressão”*²⁹.

Vislumbrando menos sua “parte aleatória” do que uma aproximação à “ciência” ecológica e menos o “acaso” do que a “ruptura de um dos campos onde [ele] ocorre”, a deriva permitiria levar tanto a uma “desambientação pessoal” – um *Eu* que agora precisa se confrontar com o “outro” em tempos de “contato brusco” de “grupos humanos carregados de eletricidades contrárias” –, quanto a uma “exploração direta de um terreno”, situação na qual “aciona-se a pesquisa de um urbanismo psicogeográfico”. Neste último caso, a reflexão sobre a deriva parece ser informada não apenas pelas elaborações precedentes acerca da psicogeografia, mas também pelo que ocorreu entre a publicação de *Introdução a uma geografia urbana e Teoria da Deriva*. Trata-se do resgate do conceito de *Urbanismo Unitário* formulado pelo letrista Gilles Ivain³⁰ em 1953 e apresentado pelo também letrista Gil Wolman no *Primeiro Congresso de Artistas Livres*, evento realizado entre os dias 2 e 8 de setembro de 1956 em Alba, na Itália, cuja “plataforma”, anunciada dois meses depois, estabelece o seguinte:

*“O Congresso concluiu expressando um acordo substancial na forma de uma resolução de seis pontos, declarando a [1] “necessidade de uma construção integral do meio ambiente por um urbanismo unitário que deve utilizar todas as artes e técnicas modernas”; [2] a “inevitável obsolescência de qualquer renovação de uma arte dentro de seus limites tradicionais”; [3] o “reconhecimento de uma interdependência essencial entre o urbanismo unitário e um futuro estilo de vida”, que deve [4] estar situado na perspectiva de uma maior liberdade real e de um maior domínio da natureza; e, finalmente, [5] “unidade de ação entre os signatários com base nesse programa” (o sexto ponto vai enumerar as várias especificidades do apoio mútuo)”*³¹.

Entre os signatários do documento que tem no cerne o desenvolvimento do Urbanismo Unitário, encontramos o nome de “Constant”. Na batalha contra os tais “limites tradicionais” da arte, o artista consagrou-se como um dos mais influentes membros do Cobra (1949-1951), grupo marcado por sua postura *ambivalente*: se, por um lado, suas declarações “ocasionalmente reafirmam tropos primitivistas, como a fórmula da espontaneidade infantil e da cultura tribal”, por outro, “a linguagem figurativa de seus principais artistas desmentem tais afirmações”³². Deslocando-se subitamente do desenho para os extensos planos de cor, do Cobra para uma parceria com o arquiteto Aldo van Eyck, um importante colaborador do grupo não menos ambivalente em relação às incursões etnográficas que realizou pelo Norte da África e América Central³³, Constant experimenta em *Colorismo Espacial* superar a velha “dúvida de Cézanne” – o dilema entre marcar com um traço o “contorno de uma maçã” para fazer dela uma

“coisa”, um “limite ideal em cuja direção os lados da maçã fogem em profundidade” e “não marcar nenhum contorno”, retirando dos objetos sua “identidade”³⁴ –, dando ao desfecho a feição de síntese entre arte e arquitetura. Nesse campo, a aproximação subsequente de Constant ao *Movimento Construtivista Britânico*³⁵ o permite aprofundar as afinidades de sua recente pesquisa com as possibilidades abertas pela arte construtiva. Enquanto antítese da arte mimética, a arte construtiva permitiria alcançar tanto uma forma “tão pura e rigorosa quanto a máquina”³⁶, quanto libertar a expressão artística dos seus entraves históricos conjunturais: estaria superada a barreira que encerra o mundo arcaico e impede o progresso da modernidade³⁷. Com o estabelecimento do *Nèovision* (1954-1955), uma parceria entre Constant, Stephen Gilbert (1910-2007), um construtivista britânico e ex-integrante do grupo cobra, e Nicolas Schöffer (1912-1992), um artista húngaro radicado na França, esse processo alcança as fronteiras do desenvolvimento tecnológico: a corrida espacial³⁸.

Com a apresentação do Urbanismo Unitário no *Primeiro Congresso de Artistas Livres*, o projeto de Constant encontra seu corolário teórico. Espécie de “síntese” “anexando arte e técnica” no intuito de transformar a “totalidade do vivido”, essa noção “sintetizou a possibilidade de ação conjunta dos diferentes grupos de vanguarda” e “indivíduos autônomos”, “propondo um caminho de transformação do mundo que passava pela cidade”³⁹. Constant, engajado nessa tarefa, não só participou do evento, como retorna à Alba em 9 de novembro de 1956⁴⁰, agora para uma temporada mais longa no Laboratório Experimental de Pinot-Gallizio e Piero Simondo. Ali, se dedica tanto à *pittura industriale*, quanto à sua aproximação da Internacional Letrista por meio de cópias do boletim *Potlatch*⁴¹.

Em dezembro, a visita de Debord ao artista em Alba consagra o início de uma cooperação mais intensa para o desenvolvimento do Urbanismo Unitário, tendo como pano de fundo o engajamento de Pinot Gallizio, o anfitrião de Constant, nas manifestações públicas em defesa do direito dos ciganos⁴² de utilizar a cidade. Em resposta à campanha para expulsá-los da área de um antigo mercado nos limites de Alba, ponto de parada movimento migratório dos Sinti⁴³ entre França e Itália, Gallizio oferece a eles como acampamento um terreno que possuía na margem oposta do rio que banhava a cidade e convida Constant a conhecê-los, possivelmente acompanhado de Debord. O artista já nutria desde a infância uma profunda empatia com a música dos ciganos. Em 1949, foi fotografado tocando uma guitarra flamenca⁴⁴. Dois anos depois, em suas telas, ele retrata sua paixão pelo instrumento – um afeto que desde cedo o aproximava de uma “dedicação profissional”⁴⁵. Já entre 1952 e 1953, durante sua temporada de estudos em Londres, do pouco que se sabe de suas andanças pela cidade, se tem notícia de uma visita às caravanas ciganas que acampavam em Latimer Road⁴⁶. Pouco tempo depois, em 1955, ele é novamente fotografado com uma guitarra flamenca, agora em Sevilha, terra de Niño Ricardo, guitarrista que ele admirava e que, no mesmo ano, além de gravar seu principal disco em Paris – onde Constant residia naquele momento –, ali também apresenta “um ótimo recital”⁴⁷. Mas é a partir de Alba, depois da visita ao acampamento, que os ciganos passam a informar não somente seu gosto musical, mas sua prática artística.

Em 27 de janeiro de 1957⁴⁸, com o apoio de Gallizio, Constant apresenta ao prefeito de Alba uma primeira versão do *Projeto para um acampamento cigano*. A proposta, que consistia em “um abrigo especial com instalações”, foi rejeitada pelo conselho da

cidade, mas a ideia de um “dispositivo” fixo no espaço para uma cultura lida como um devir imprevisível, errante, serviu como ponto de partida para experimentações no campo do Urbanismo Unitário. Ao adentrar nesse terreno, onde passa a explorar tensões entre a busca por estabilidade como um aspecto que funda a cultura arquitetônica ocidental, a transitoriedade constitutiva de um modo de vida nômade associado aos ciganos com base na deriva e na psicogeografia, o artista concebe uma “arquitetura em mudança perpétua”⁴⁹. Isso o leva a antecipar, ao menos em parte, os princípios anunciados no relatório de fundação da Internacional Situacionista, apresentado poucos meses depois⁵⁰. No documento, Guy Debord, além de assegurar certa centralidade das preocupações da I.S. com a arquitetura e com o urbanismo na construção da agenda daquela vanguarda para uma “revolução dos costumes”, considera que:

*“[...] o urbanismo unitário é dinâmico, isto é, em estreita ligação com estilos de comportamento. O elemento mais reduzido do urbanismo unitário não é a casa, mas o complexo arquitetônico, que é a reunião de todos os fatores que condicionam uma ambiência, ou uma série de ambiências contrastantes, na escala da situação construída”*⁵¹.

Quando Constant passa a integrar a Internacional Situacionista em 1958, Debord batiza as especulações do artista baseadas no campo do Urbanismo Unitário de *Nova Babilônia*. A referência ao mundo não europeu – neste caso à antiguidade mesopotâmica – não seria uma novidade. Tanto quanto Constant nos tempos do grupo Cobra, a Internacional Letrista se valia disso para realizar desvios ao establishment configurado pelos referenciais mais imediatos do Velho Mundo. Além de destacar as contribuições de um “cabila”, a I.L. utiliza no título de seu boletim a palavra *Potlatch*, termo que designa o ritual praticado por povos indígenas na atual região da costa noroeste do Canadá e também no Alasca e que consiste fundamentalmente na destruição da própria riqueza acumulada, cujo vulto deve ser sempre maior em relação à tribo rival. Transposta à cultura ocidental, o *Potlatch* demarcaria então uma “oposição à economia de mercado e de troca”, ou em um sentido mais amplo, à “mercadoria”, ao mesmo tempo em que contrapõe a “abundância” ao “egoísmo e à economia racionalista dos recursos”⁵². Nos tempos da Internacional Situacionista, no entanto, a Nova Babilônia não toma como referência apenas algo distante no tempo ou no espaço; ela também responde a uma tendência que se configura no pós-guerra e no seio do continente europeu. Sem dificuldade, como observa Jérémie McGowan, Nova Babilônia se “liga rapidamente ao trabalho e pensamento de Reyner Banham, Buckminster Fuller, Archigram, Superstudio, Antfarm, Utopie, Yves Klein, Kisho Kurokawa, Alison e Peter Smithson e, até”, acrescenta o autor, “Frank Lloyd Wright”: de algum modo, “todos que imaginavam, em graus variados, o surgimento de uma nova era de mobilidade individual irrestrita”. Mas um acontecimento “separa fundamentalmente a Nova Babilônia do trabalho e do pensamento desses outros nômades”: “o encontro pessoal e real de Constant com os ciganos”⁵³.

Essa singularidade assume aqui dois sentidos. Por um lado, demarca o que há de mais crítico em Nova Babilônia ao possibilitar que esse “esboço para uma cultura”⁵⁴ seja profundamente informado por um olhar que mira para além das fronteiras do *ethos* europeu, levando às últimas consequências o *Urbanismo Unitário* – que “não é uma doutrina do urbanismo, mas uma crítica ao urbanismo”; do mesmo modo, aplicado à arte é uma “crítica à arte”, assim como na “pesquisa sociológica tem que ser uma

crítica à sociologia”⁵⁵. Desse modo, o encontro com os ciganos poderia ampliar seu conhecimento sobre os Sinti e despertar seu interesse para além do universo musical, colocando-o em contato com a percepção problemática sobre aqueles que ele admirava – a edição de 1956 da *Encyclopedia Britannica*, por exemplo, afirmava que “‘a idade mental de um adulto comum Cigano’ era ‘o de uma criança de dez anos’”⁵⁶ e “uma decisão da ‘Suprema Corte da Alemanha Ocidental’ declarou ‘os ciganos Sinti como uma organização criminosa’”⁵⁷. O desdobramento mais conhecido desse encontro foi o *Projeto para um acampamento cigano*, mas mais tarde, em 1963, Constant toma conhecimento, por meio do artigo de Nico Rost publicado no jornal *Algemeen Handelsblad*, do destino trágico dos ciganos na Segunda Guerra – cerca de 3,5 milhões foram executados nos campos de concentração, episódio chamado de *Porrajmos*⁵⁸. Algumas semanas depois, o artista encaminha uma carta à *Communauté Mondiale Gitane* (Comunidade Mundial Cigana), mostrando-se “profundamente interessado nos objetivos que foram expressos”⁵⁹ no artigo do jornalista holandês. Dentre eles, Constant evoca, tanto em 1966⁶⁰ quanto em 1974⁶¹, uma mesma passagem de Vaida Voivod III (Ionel Rotaru), presidente da CMG:

*“Nós somos provavelmente as pessoas mais velhas do mundo. Nossa cultura não deve desaparecer, não pode afundar. Também temos uma missão humanística: somos os símbolos de um mundo sem fronteiras, um mundo de liberdade, em que as guerras sejam banidas, onde cada um pode viajar sem impedimentos, das estepes da Ásia Central à Costa Atlântica, do planalto da África do Sul às florestas da Finlândia”*⁶².

Transformada no mote de *Nova Babilônia*, a passagem fundiria os desejos mais ancestrais às mais recentes necessidades e possibilidades humanas. Entretanto, por guardar afinidades com a própria ideia de uma “essência” cigana buscada por Constant, o papel cumprido por esta aproximação, longe de possibilitar a articulação das complexidades dos ciganos no “esboço para uma cultura”, pavimentou com *Nova Babilônia* a expansão de um “saber compartilhado” eurocentrado acerca dos não-europeus, os incorporando num “mundo de objetos criados por outras culturas que pode ser usado como catálogo de formas a inspirar o artista”⁶³:

*“O cigano romantizado como aquele que vive em nossa fantasia e a nostalgia, mesmo que não seja a verdade real, é a pré-imagem do novo babilônio. O cigano está mais próximo do Novo Babilônio do que outras pessoas. Ele não trabalha, ele não mora, ele conhece a liberdade do tempo e do lugar. Por que uma pessoa que trabalha cria um cigano romantizado em sua imaginação? Ele quer ver isso ele mesmo. É uma projeção de seu próprio desejo, seu sonho”*⁶⁴.

Com essa postura, Constant acabaria por privilegiar menos aqueles que elegeram como os novos babilônios do que o velho projeto de uma “sociedade de dois milênios de idade” que pretendeu superar. Na “projeção de seu próprio desejo”, fez dos ciganos *homo ludens*⁶⁵ e a deriva o modo de vida deles, mesmo que “neste momento, poucos ciganos [fossem] realmente nômades”; “na Itália, afirmam Kurczynski e Pezolet, “a maioria vivia permanentemente com sua extensa família em terrenos alocados pela comuna local (como foi o caso em Alba), ou às vezes eram integrados em programas de habitação social”⁶⁶. Nisso, a configuração da Nova Babilônia, por vezes rizomática e contínua, não poderia ser o esboço de uma espacialidade informada por um conhecimento da complexidade dos ciganos, mas pela necessidade de harmonizar

tendências inconciliáveis do pós-guerra, como a Terceira Revolução Industrial (eletrônica, informática, verde), a contracultura, a luta pelos Direitos Civis nos EUA (1954-1968), as lutas anticoloniais em África (1954-1976), a Revolução Cubana (1959) e a Revolução Cultural na China de Mao Tse-Tung (1966-1976).

Otimista com esse quadro de “importantes vitórias” dos “países subdesenvolvidos ou colonizados” que “agravam as contradições da economia capitalista e, sobretudo no caso da revolução chinesa, favorecem uma renovação do movimento revolucionário”, a Internacional Situacionista, especialmente Debord, se entusiasmou com a proposta de Constant – há certa dificuldade, inclusive, em identificar se o aparecimento de Nova Babilônia é mais o resultado das contribuições de Constant ou da I.S. Contudo, isso não impediu que a IS considerasse que o artista estava mais comprometido em “efetuar uma atividade prática nesse campo”⁶⁷, como ele mesmo advoga, do que transformar profundamente seus procedimentos e expectativas nesse processo:

*“A construção de situações dos ambientes não é apenas a aplicação à existência cotidiana de um nível artístico permitido pelo progresso técnico. É também uma mudança qualitativa da vida, suscetível de trazer uma reconversão permanente dos meios técnicos”*⁶⁸.

Após esta observação, feita quando Constant foi integrado como membro da I.S., apenas dois anos foram necessários para que emergissem diferenças inconciliáveis. Em 1960, a ruptura se mostrava inevitável: à época, *Nova Babilônia* já havia deixado de observar aspectos importantes do Urbanismo Unitário, como a atenção aos “recortes do tecido urbano”, aos “microclimas”, às “unidades elementares inteiramente diferentes dos bairros”⁶⁹ que a deriva prevê para atender à “escala que a sociedade futura exige”⁷⁰. Muito antes da resposta a essa demanda ganhar os contornos de um “acampamento nômade em escala planetária”⁷¹, Constant já mobilizava como campo de atuação as fronteiras da superfície da Terra – “há quem procure na Lua”⁷², referencia o artista –, levando às últimas consequências uma batalha que, ao recuar do *front* de embate que ameaçava as fronteiras entre o “eu” e o “outro” nos tempos do Cobra, conquista terreno com *colorismo espacial* contra os limites do desenho, avança com a arte construtiva como arma para desvencilhar-se dos entraves históricos e faz do desenvolvimento tecnológico, sobretudo a corrida espacial, o meio e o fim de uma sociedade da mobilidade ilimitada. Mas, o fator determinante neste desentendimento entre Constant e a IS consistiria na relação com a ideia de *revolução*. Enquanto Constant estabelece um hiato entre a situação vigente a ser superada e uma condição “esboçada” a ser alcançada com base em uma revolução social que não ocorreu – o pressuposto para que “o reino Marxista da liberdade seja realizável”⁷³, afastando-se assim do *front* para aprofundar suas pesquisas acerca da Nova Babilônia, convicto, ao menos até o fim da década de 1960, que “um mundo sem fronteiras” estaria em vias de ser concretizado –, a Internacional Situacionista considera a revolução não como algo por vir, uma espera, e sim como uma *práxis*. Isso explicaria seu distanciamento do terreno artístico e seu aprofundamento na crítica política, então informada diretamente pelas lutas anticoloniais, especialmente a argelina.

Observando tais vicissitudes a uma distância de cinco décadas, não é difícil ligar a busca de Constant àquilo que Luc Boltanski e Ève Chiapello denominaram de “prosa estética” para um “mundo conexionista”⁷⁴. Certamente, o apelo do artista ao alcance

planetário das novas tecnologias e a suposta relação disso com uma mobilidade global ilimitada, pôde ser facilmente incorporado pelo discurso empresarial. Ainda assim, de outro ponto de vista, o interesse de Constant pelos ciganos não deixou evidente apenas estereótipos do eurocentrismo. Nas experimentações de Lagrada pela visita a Alba, a abordagem do artista também chama atenção para uma condição intrínseca à modernidade: o *exílio*. Como demonstrou o historiador da arte americano Tom McDonough por meio das fotografias de Paul Almazy, o olhar para os ciganos também pode ter uma conotação ambivalente. Afinal, tanto o Projeto para o *acampamento cigano*, quanto a *Nova Babilônia* não são meros receituários arquitetônico-urbanísticos, na medida em que estes experimentos também investigam dimensões da negatividade intrínseca à condição contemporânea, à maneira dos objetos criados pelo arquiteto americano John Hejduk no mesmo período. Ao “entregar-se às solicitações do terreno e das pessoas que nele venham a encontrar” – neste caso as populações que vivem nas fronteiras da modernização –, Constant desloca o debate arquitetônico para as fronteiras da disciplina com a história, as ciências sociais e a filosofia. Por sua vez, antecipando seu ingresso nesse terreno de conflito e abandonando qualquer antecipação projetiva, a Internacional Situacionista acompanhou as transformações mais severas da ideia de “um mundo sem fronteiras”. Com a ascensão da “sociedade do espetáculo” teorizada por Guy Debord, processo que não pode ser examinado sem considerar as atuais feições da chamada globalização, a batalha do “ter” foi superada pela “parecer”⁷⁵, enquanto a retórica de um mundo informacional sem limites é desafiada por uma mobilidade cada vez mais limitada. Se, por um lado, distâncias parecem ter sido “suprimidas” pelas novas tecnologias, transformando o inventivo uso situacionista dos *walkie-talkies* na prática mais banal do cotidiano regulado pelos smartphones, por outro, novas barreiras erguidas contra a circulação de pessoas se impõem à imaginação de um mundo sem fronteiras.

Caberia então ainda falar em “Urbanismo Unitário”, reconhecendo nessa ideia uma *proveniência*⁷⁶, entre outras, do debate contemporâneo do qual fazem parte Balibar e Simone, Mbembe e Boaventura? A resposta a essa indagação pode ser rastreada no exame das continuidades e descontinuidades que essa formulação de meados do século XX estabelece com problemáticas que persistem no debate sobre “um mundo sem fronteiras”.

Simone, que recorre tanto à etologia – para defender que “os humanos precisam, como quase todos os animais superiores, marcar o território que é ‘deles’ em comparação com os de ‘outros’” –, quanto ao deus Terminus do panteão romano – “para marcar o valor quase sagrado de tais limites” –, entende que “as fronteiras [...] não são uma invenção da política, mas a implementação pela política dessa necessidade dos povos”. “Seu apagamento pode ser um gesto sem importância, desde que um evento importante, como as atuais migrações, não desperte essa necessidade etológica”. Balibar, alinhado a esse pensamento, sugere “redefinir o status das fronteiras”, mas não de aboli-las. Enquanto o primeiro argumenta que “não é de todo certo que um mundo sem fronteiras seja um mundo de paz”, o segundo completa que “acreditar que a pacificação anda de mãos dadas com a abolição das separações territoriais é uma ilusão perigosa”. Para eles trata-se de pensar, noutra sentença, “uma lei internacional que inclui a hospitalidade e limita os excessos de soberania”: uma “governança da mobilidade global”⁷⁷.

Se a compreensão de Simone da fronteira como “necessidade dos povos” se aproxima da abordagem psicogeográfica de Debord, procedimento no qual a deriva demanda um “campo espacial marcado”⁷⁸ pela “análise ecológica do caráter absoluto ou relativo dos recortes do tecido urbano, do papel dos microclimas, das unidades elementares inteiramente diferentes dos bairros oficiais”, a ideia de hospitalidade de Balibar guarda substanciais afinidades com a “hospitalidade extrema”⁷⁹ de Nova Babilônia. No

entanto, a aposta em um regime jurídico aponta no sentido oposto àquele que orienta a Internacional Situacionista e seu dissidente, como também se afasta das compreensões de Mbembe e de Boaventura. Para os dois últimos, as crescentes restrições à mobilidade global não podem ser compreendidas apenas como um problema institucional, cenário no qual caberia “redefinir direitos, estender as cláusulas da Declaração Universal dos Direitos Humanos e [...] avançar para o reconhecimento de um direito fundamental à mobilidade”, como sugerem Balibar e Simone.

Mbembe, que investiga a regulação de migrações interafricanas, demonstra os limites dessa “mobilidade gerenciada” por meio do exame do que ele denominou de “quatro liberdades”, categorias que permitem que o filósofo articule dois paradigmas: o “signo de Kant e sua promessa de um cosmopolitismo sem limites” e o “individualismo liberal”. Sob a máxima do liberalismo clássico – a liberdade de “ir e vir” –, demonstra Mbembe, a mobilidade do capital é colocada em primeiro lugar. Na sequência o liberalismo postula a liberdade de circulação de “bens” – que poderíamos chamar de *mercadoria*. A terceira liberdade seria a dos serviços e de quem pode prestá-los. Por fim, ao menos teoricamente, o liberalismo clássico preconiza a liberdade das pessoas. Entretanto, o estabelecimento do Estado Liberal carrega uma contradição: ao mesmo tempo em que promove um discurso pautado na liberdade, também necessita de dispositivos de controle e estabilidade que possam ser conciliados com seus conceitos de liberdade e movimento. Daí o aparecimento de noções como “mobilidade gerenciada” na tentativa de disciplinar os “inassimiláveis”, “inquietaos” e garantir um “direito de exclusão”, ou seja, a “garantia de uma organização desigual das relações de propriedade”. Na prática, argumenta Mbembe, essa preconizada mobilidade não ocorre: o Tratado de Schengen, do qual Balibar e Simone também tratam, inclui apenas um núcleo de países europeus onde se pode circular livremente, desde que munido de passaporte autorizado pelo país de origem, de preferência americano: com ele, você “basicamente pode ir aonde quiser”, “o mundo pertence a você”, o que não ocorre para a maioria dos habitantes do planeta.

Boaventura, também nessa linha, considera “inescapável a conclusão de que vivemos num mundo sem fronteiras”, se tomarmos apenas como referência “o capital financeiro e a internet”. O autor recua até o século XV para demonstrar como, no ocidente, desde o Renascimento, “a expansão transatlântica europeia obriga a vincar os poderes gêmeos de eliminar e de criar fronteiras”: ao menos até o Iluminismo do século XVIII, “vai-se afirmando a universalidade sem fronteiras da humanidade e do conhecimento, ao mesmo tempo em que se vão vincando as fronteiras entre civilizados e selvagens, entre colonizadores e colonizados, entre livres e escravos, entre homens e mulheres, entre brancos e negros”. O mesmo se pode dizer da defesa de Immanuel Kant da “ideia do Estado universal, berço de todo o cosmopolitismo eurocêntrico, um século depois de a Europa ter sido retalhada entre países soberanos no Tratado de Vestefália de 1648”. Ainda caberia acrescentar como espécie de corolário, que “um século depois de Kant, as potências europeias, [a fim de] garantir a expansão sem limites do capitalismo emergente, reúnem-se em Berlim para desenhar as fronteiras na partilha de África”⁸⁰.

Em certa medida, o *Urbanismo Unitário* pode ser visto como um procedimento guiado pela ambição cartesiana de dominar a natureza, reformulando um *modus operandi* da *colonialidade*⁸¹ por meio da supressão de fronteiras para subjugar territórios e

corpos. Embora o primeiro documento assinado por Constant e Debord anuncie que o “urbanismo unitário é a base indispensável ao desenvolvimento da construção de situações, como jogo e como seriedade de uma sociedade mais livre”⁸², a Nova Babilônia indiciou, ao “efetuar uma atividade prática nesse campo”, que o Urbanismo Unitário guardaria profundas afinidades com o *establishment*. A I.S., na tentativa de dissociar a noção gestada originalmente pelos letristas das apropriações feitas pelo ex-situacionista Constant, argumenta que:

“Esse hábil indivíduo, entre dois ou três plágios de ideias situacionistas mal compreendidas, oferece-se abertamente como relações-públicas para integrar as massas na civilização técnica capitalista e recrimina a IS como tendo abandonado seu programa de transformação do meio urbano, do qual ele permanece o único defensor. Se for nessas condições, é sim! Alias, convém lembrar que foi esse mesmo grupo de ex-membros da seção holandesa da IS que, em abril de 1959, se opôs tenazmente a que a IS adotasse um ‘Apelo aos intelectuais e artistas revolucionários’, afirmando: ‘Essas perspectivas não dependem, para nós, de uma derrubada revolucionária da sociedade atual cujas condições estão ausentes’”⁸³.

Ainda que essa observação não consiga dissociar o *Urbanismo Unitário* de seus compromissos com um problemático sistema de pensamento colonialista – a relação cartesiana com a natureza, por exemplo, esteve sempre presente nas reformulações letristas da noção criada por Gilles Ivain –, esse desentendimento abre caminho para que a própria I.S. repense o Urbanismo Unitário como uma ferramenta crítica que, ao reconhecer pré-existências não como objetos, mas como sujeitos dotados de agência – o cabila, que não teria apenas sugerido o termo psicogeografia, mas inscrito nele sua história –, atravessa as fronteiras que configuram estes espaços por meio daquilo que elas carregam como potencialmente permeáveis e dinâmicas.

Atento a esse potencial no caso das fronteiras na África pré-colonial, Mbembe reconhece nas cosmogonias do continente africano, resilientes ao projeto colonial e neocolonial, a possibilidade de “reengendrar a utopia de um mundo sem fronteiras e, por extensão, reengendrar um mundo sem fronteiras”. Distante do otimismo ventilado nos tempos da Internacional Situacionista, que consistia fundamentalmente em uma confiança generalizada no progresso, ou, em outras palavras, no avanço da fase mais recente do projeto colonial – a modernização –, o filósofo camaronês reexamina a noção de “movimento” ou da “ausência de fronteiras” – tema “central para várias tradições utópicas” – no espaço da África pré-colonial para reabilitar a própria noção de utopia, cujo “fim” já foi decretado várias vezes⁸⁴. Atrofiada, a imaginação utópica teria cedido lugar a “imaginários apocalípticos e narrativas de desastres cataclísmicos e futuros desconhecidos”, que só podem alimentar uma “política da separação” e não uma “política da humanidade, de espécies começando a existir plenamente”. Confrontando-se com a herança de uma “história em que a norma é o sacrifício recorrente de algumas vidas para a melhoria de outras” e se levantando contra os “tempos de medos profundamente enraizados, incluindo o medo de um planeta dominado por outras pessoas de raças diferentes” – uma Nova Babilônia? –, Mbembe vê na utopia “um recurso poderoso, embora problemático, para o social, o político e até mesmo para a imaginação estética”. O próprio conceito se refere ao que não tem fronteiras, “a começar pela imaginação em si” e tem a capacidade de “representar a tensão entre a ausência de fronteiras”, o que permite pensar “processos sociais

baseados no movimento, especialmente a migração internacional, as fronteiras abertas, o transnacionalismo e até o cosmopolitismo”.

É neste terreno da utopia que Mbembe configura um “modelo africano”. Em contraposição ao modelo do liberalismo clássico, o modelo de Mbembe toma como referência práticas de mobilidade que configuraram a África pré-colonial. Daquele quadro, o autor resgata a função de toda a fronteira, a de ser cruzada: “é para isso que elas servem” e “não há fronteira concebível fora desse princípio, a lei da permeabilidade”. Nesse sentido, as tradições de comércio de longa distância e seu papel “fundamental na produção de formas culturais, arranjos políticos, configurações econômicas, sociais e religiosas” atestam que “o veículo mais importante para a transformação e a mudança era a mobilidade” e não “a luta de classes, no sentido em que a compreendemos”. Assim, a mobilidade é para Mbembe “o motor de qualquer tipo de transformação social, econômica ou política” e o “princípio indutor por trás da delimitação e da organização do espaço e dos territórios”, sobretudo em tempos de crise, em que “parar é correr riscos”, é ver “as chances de sobreviver diminuem”. A mobilidade é assim entendida como necessidade vital, como base de toda sociabilidade. “Logo”, completa Mbembe, “o domínio sobre a soberania não era expresso exclusivamente por meio do controle de território, marcado fisicamente com fronteiras”, mas pelas redes de circulação de pessoas que conectavam pontos fixos no território:

“Espaços geográficos fixos, como cidades e vilas, existiam. Pessoas e coisas poderiam estar concentradas em um local específico. Esses lugares podiam até se tornar a origem do movimento, e havia ligações entre eles, como estradas e rotas de voo, mas os lugares não eram descritos por pontos ou linhas. O mais importante era a distribuição do movimento entre os lugares. O movimento era a força motriz da própria produção de espaço e deslocamento”.

A esta observação de Mbembe, que tem em mente tanto cosmogonias da África Equatorial quanto aquelas dos povos Dogon, ligamos sem dificuldade a Teoria da Deriva. Na sequência, o que ocorre não é muito diferente:

O movimento, especialmente entre os Dogon, poderia levar a desvios, conversões e intersecções. Isso era mais importante do que pontos, linhas e superfícies, que, como sabemos, são as referências cardiais na geometria ocidental. Logo, o que temos aqui é outro tipo de geometria, da qual derivam conceitos próprios de fronteiras, poder, relações e separação.

Ainda que Mbembe recorra a estas cosmogonias buscando “reunir os arquivos do mundo em geral” e “não apenas os documentos ocidentais”, ele considera que, “na verdade”, “os arquivos ocidentais não nos ajudam a desenvolver a ideia de um mundo sem fronteiras”, pois “o arquivo ocidental está baseado na cristalização da ideia de fronteira”⁸⁵. O Urbanismo Unitário, de uma maneira ou de outra, não deixa de ser uma resposta do próprio pensamento ocidental a isso ao buscar, por meio da *deriva*, a “diminuição constante dessas margens fronteiriças, até sua completa supressão”. A diferença, contudo, persiste de outro modo. Na configuração do “modelo africano” de Mbembe, o que é determinante é a forma de associação, em especial a relação estabelecida entre o cidadão e o forasteiro: “entre um e outro havia todo um repertório de formas alternativas de associação – construir alianças por meio de negócios,

casamento ou religião, incorporar aos regimes existentes novas relações comerciais e pessoas refugiadas ou em busca de asilo”. Além disso, a noção de povo incluía os forasteiros de todo tipo, os vivos e os mortos, os não nascidos, os humanos e não humanos, cuja dinâmica interna era regulada pela ideia de uma “dívida fundadora”. Se o Urbanismo Unitário não deixa de ser informado por antepassados ou por “forasteiros”, pelo tecido histórico e geográfico, essa noção também não abre mão de evocar “um estilo de vida a vir...” e que pode ser situado “na perspectiva de uma liberação real maior e de uma grande dominação da natureza”⁸⁶, colocando-se na direção contrária ao da dívida com a ancestralidade reivindicada por Mbembe. Na Nova Babilônia, essa contradição é ainda mais aguda: quanto mais o artista torna visível os vínculos com culturas que resistiram à ocidentalização, menos ele dá visibilidade às mesmas. Delas, Constant demanda apenas uma correspondência com um “saber compartilhado” e não o contrário. Assim, se Nova Babilônia é caracterizada por sua “hospitalidade extrema”, sua “dívida fundadora” se relaciona mais com um acervo de imagens construídas pelo mundo ocidental do que com a história daqueles que forneceram essas imagens.

Outras relações podem ser traçadas entre o Urbanismo Unitário e o “modelo africano” quando Mbembe associa este último ao conceito cotado para ser incorporado na lista dos direitos humanos fundamentais, o “direito à moradia” da constituição de Gana. Neste gesto, Mbembe permite traçar afinidades entre a noção de “ambiência” formulada tanto por Constant quanto por Debord e o espaço geográfico da África pré-colonial, tornado possível o exercício de visitar Nova Babilônia como uma interpretação europeia que resulta em um quadro há muito tempo experimentado no continente africano. Em certas passagens, até é possível encontrar paralelos entre o mote de Nova Babilônia extraído do presidente da CMG e os anseios de Mbembe quando especula uma condição em que não haveria “vistos” ou qualquer outra “categoria bizarra na qual se enquadrar”. Tal como idealizou Constant, ou mesmo o *Provos*, Mbembe imagina que “seria possível simplesmente pegar a estrada, um avião, um trem, um barco, uma bicicleta”. Ele lembra que, em Camarões, até o início dos anos 1980, “era possível viajar para a França apenas com a carteira de identidade”.

Antítese do “período em que mais se construíram prisões em toda a história humana” – pois “não há oposição mais dramática à ideia de movimento do que a prisão” –, o modelo de Mbembe responderia criticamente ao seu tempo, indo mais longe em questões fundamentais que Urbanismo Unitário não conseguiu responder criticamente no pós-guerra. Entretanto, um aspecto da crítica do Urbanismo Unitário parece atravessar mais de meio século e alcançar revigorado a utopia de “um mundo sem fronteiras” do século XXI. Embora tenha em comum com o modelo de Mbembe um apelo à mobilidade e à superação de fronteiras, sejam elas entre “unidades de atmosfera e de moradia” ou “transnacionais”, o Urbanismo Unitário não tem a *mobilidade* como “o motor de qualquer tipo de transformação social, econômica ou política” em detrimento da “luta de classes, no sentido em que a compreendemos”⁸⁷. Cabe perguntar qual seria essa outra compreensão. Como ela poderia compor com a mobilidade uma dinâmica estruturalmente transformadora? Talvez aqui as limitações da Internacional Situacionista no campo do Urbanismo Unitário ainda possam oferecer ao menos uma lição fundamental: a de que “um mundo sem fronteiras” não emerge sob a égide do dinheiro e da mercadoria, estes sim cada vez mais “sem fronteiras”.

Referências bibliográficas

- BANHAM, Reyner. *Teoria e projeto na primeira era da máquina*. São Paulo: Perspectiva, 1975 (Tradução: A.M. Goldberger Coelho).
- BERENSTEIN, Paola. *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- BOERSMA, Linda; NIEUWENHUY, Constant. Entrevista concedida por Constant em seu estúdio em Amsterdam no verão de 2003 e publicada em 2005 em: <<https://bombmagazine.org/articles/constant/>>.
- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO Ève. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009. (Trad. Ivone C. Benedetti)
- BOUNIOL, Béatrice. *Peut-on imaginer un monde sans frontières?* La Croix, publicado em 21/02/2018. Ver em: <<https://www.la-croix.com/Monde/Peut-imaginer-monde-sans-frontieres-2018-02-21-1200915357>>.
- BOURDIEU, Pierre. *A odisséia da reapropriação: a obra de Mouloud Mammeri* [1989]. In: Rev. Sociol. Polít., Curitiba, 26, p. 93-95, jun. 2006, p. 93. (Tradução: Luciano Cobato). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782006000100008&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 3/11/2019.
- _____. *Diálogo sobre a poesia oral na Cabília*. Entrevista de Mouloud Mammeri a Pierre Bourdieu. Rev. Sociol. Polít. no.26 Curitiba June 2006, p. 62. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782006000100006>.
- CAHEN, Michel. O que pode ser e o que não pode ser a colonialidade: uma abordagem pós-colonial da subalternidade. In: BRAGA, Ruy; CAHEN, Michel. *Para além do pós-colonial*. São Paulo: Alameda, 2018.
- DEBORD, Guy. Introdução a uma crítica da geografia urbana [1955]. In: BERENSTEIN, Jacques (org.). *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, (Tradução: Estela dos Santos Abreu), p. 39-42.
- _____. *Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. (Trad: Estela dos Santos Abreu).
- _____. Teoria da Deriva [1956]. In: BERENSTEIN, Jacques (org.). *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, (Tradução: Estela dos Santos Abreu), p. 87.
- _____. Relatório para a construção de Situações e sobre as condições de organização de ação da tendência situacionista internacional. In: BERENSTEIN, Jacques (org.). *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, (Tradução: Estela dos Santos Abreu).
- DEBORD, Guy-Ernst; NIEUWENHUY, Constant. A declaração de Amsterdã [I.S. n. 2, dezembro de 1958]. In: BERENSTEIN, Jacques (org.). *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, (Tradução: Estela dos Santos Abreu).
- DOPCKE, Wolfgang. *A vida longa das linhas retas: cinco mitos sobre as fronteiras na África Negra*. Rev. bras. polít. int. [online]. 1999, vol.42, n.1, pp.77-109. <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-73291999000100004&script=sci_abstract&tlng=pt>.
- EMBAIXADA CIGANA DO BRASIL. <<http://www.embaixadacigana.org.br/index.htm>>.
- FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979 (Trad.: Roberto Machado).
- FOURASTIÉ, Jean. *Les Trente glorieuses ou La révolution invisible de 1946 à 1975*. Paris: Fayard, 1979.

- GATHERCOLE, Sam. British Constructivist Art. *British Art Studies*, n. 3. <<https://doi.org/10.17658/issn.2058-5462/issue-03/sgathercole>>.
- GONÇALVES, G. R. Do urbanismo unitário à crítica ao urbanismo: um percurso sobre a cidade e o urbano na Internacional Situacionista. *Geosp – Espaço e Tempo* (Online), v. 21, n. 2, p. 518-530, agosto. 2017. ISSN 2179-0892.
- GRIFFIN, Christopher. *Nomads under the Westway: Irish Travellers, Gypsies and Other Traders in West London*. University Of Hertfordshire Press, 2008, p. 109.
- HALEM, Ludo van; HORST, Trudy Nieuwenhuys-van der. *Constant: Space + Colour: From Cobra to New Babylon*. Rotterdam: nai010 Publishers, 2016.
- HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo* [2003]. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. (Tradução: Patrícia C. R. Reuillard e Vera Chacham).
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2000, (Tradução: João Paulo Monteiro).
- INTERNACIONAL SITUACIONISTA. Crítica ao urbanismo [I.S. n. 6, agosto de 1961]. In: BERENSTEIN, Jacques (org.). *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, (Tradução: Estela dos Santos Abreu).
- _____. O Urbanismo Unitário no fim dos anos 1950 [IS n. 3. Dezembro, 1959]. In: BERENSTEIN, Paola. *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- IVAIN, Gilles. Formulário para um novo urbanismo [1953]. In: BERENSTEIN, Jacques (org.). *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, (Tradução: Estela dos Santos Abreu), p. 67-71.
- JACOBY, Russell. *O fim da utopia: política e cultura na era da apatia*. Rio de Janeiro: Record, 2001. (Trad. Clóvis Marques).
- JAMESON, Fredric. Periodizando os anos 60 [1985]. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991 (Tradução: César Brites e Maria Luiza Borges).
- JAPPE, Anselm. *Guy Debord*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999 (Tradução: Iraci D. Poleti).
- KURCZYNSKI, Karen; PEZOLET, Nicola. *Primitivism, Humanism, and Ambivalence: Cobra and Post-Cobra*. RES 59/60 SPRING/AUTUMN 2011. Disponível em: <<https://works.bepress.com/kkurczynski/2/>>.
- LOGROU, ELs. *A arte do outro no Surrealismo e hoje*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 14, n. 29, p. 217-230, jan./jun. 2008.
- MBEMBE, Achille. A ideia de um mundo sem fronteiras. *Revista Serrote*, n. 31. Maio de 2018. Ver em: <<https://www.revistaserrote.com.br/2019/05/a-ideia-de-um-mundo-sem-fronteiras-por-achille-mbembe/>>.
- MCDONOUGH, Thomas F. *Situationist Space*. OCTOBER 67, Winter 1994, pp. 59-77.
- McGOWAN, Jérémie Michael. *Revisiting New Babylon: The Making and Unmaking of a Nomadic Myth*. PhD by Research, History of Art – The University of Edinburgh, 2011.
- MERLEAU-PONTTY, Maurice. A dúvida de Cézanne [1945]. In: *O olho e o espírito* [1960]. São Paulo: Cosac & Naify, 2004, p. 133. (Tradução: Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão).
- MIYADA, Paulo. *Superfícies: New Babylon* (Constant Nieuwenhuys e Internacional Situacionista, 1958-74) e *Gli Atti Fondamentali* (Superstudio, 1972-73). São Paulo: FAUUSP, 2013.
- NIEUWENHUYS, Constant. *New Babylon* [1974]. In: LAMBERT, Jean-Clarence. *Art et Utopie*. Paris, Éditions Cercle d'Art, 1997.

- NIEUWENHUYNS, Constant. O grande jogo do porvir [Potlatch, n. 30, julho de 1959]. In: BERENSTEIN, Jacques (org.). *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, (Tradução: Estela dos Santos Abreu), p. 99.
- _____. Outra cidade para outra vida [I.S. n. 3, dezembro de 1959]. In: BERENSTEIN, Jacques (org.). *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, (Tradução: Estela dos Santos Abreu).
- _____. Relatório de Abertura da Conferência de Munique [Dezembro de 1959]. In: BERENSTEIN, Jacques (org.). *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, (Tradução: Estela dos Santos Abreu).
- _____. Sur nos moyens et nos perspectives. In: *Internationale situationniste no. 2* (December 1958) 23-26. Disponível também em inglês em: <<https://stichtingconstant.nl/documentation/sur-nos-moyens-et-nos-perspectives>>.
- NOGUEIRA, Rodrigo. *A situação construída*. São Carlos: IAUUSP, 2012.
- PEREIRA, Eliete d Silva. *E-Diáspora Cabila: notas sobre a migração conectada contemporânea*. Anais do XXVIII Encontro da Compós, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS, 11 a 14 de junho de 2018, p. 6. Disponível em: <http://www.compos.org.br/anais_texto_por_gt.php?idEncontro=Mjg=>. Acessado em: 3/11/2019.
- RICKEY, George. *Construtivismo. Origens e evolução*. São Paulo: Cosac Naify, 2002 (Tradução: Regina de Barros Carvalho).
- ROMERO, Pedro. G. Los nuevos babilônios. In: PINEDA, Mercedes (Org). *Constant Nueva Babilônia* [Catálogo]. Madrid: Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, 2015.
- SADLER, Simon. *The Situationist City*. Cambridge (Mass.), The MIT Press, 1998.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um mundo sem fronteiras?* Outras Palavras, publicado em 09/05/2019. Ver em: <<https://outraspalavras.net/geopoliticaeguerra/boaventura-um-mundo-sem-fronteiras/>>.
- SAUVY, Alfred. Trois Mondes, une planète. *L'Observateur*, 14 août 1952, n°118, page 14].
- TEYSSOT, Georges. Aldo Van Eyck and the rise of an ethnographic paradigm in the 1960s. In: *Joelho – Revista de Cultura Arquitetônica*. Coimbra: Abril de 2011.
- THE ALBA PLATFORM. *Potlatch #27* (2 November 1956). Disponível em: <<https://www.cddc.vt.edu/sionline/presitu/alba.html>>.
- VIANNA, Marina. *Cidades em contraste - Nova Babilônia e Brasília nos anos 1950 e 1960*. São Paulo: Interunidades USP, 2011.
- WIGLEY, Mark. Hospitalidad extrema. In: PINEDA, Mercedes (Org). *Constant Nueva Babilônia* [Catálogo]. Madrid: Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, 2015.

Notas

¹ BOUNIOL, Béatrice. *Peut-on imaginer un monde sans frontières?* La Croix, publicado em 21/02/2018. Ver em: <<https://www.la-croix.com/Monde/Peut-imaginer-monde-sans-frontieres-2018-02-21-1200915357>>.

² MBEMBE, Achille. *A ideia de um mundo sem fronteiras*. Revista Serrote, n. 31. Maio de 2018. Ver em: <<https://www.revistaserrote.com.br/2019/05/a-ideia-de-um-mundo-sem-fronteiras-por-achille-mbembe/>>.

³ SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um mundo sem fronteiras?* Outras Palavras, publicado em 09/05/2019. Ver em: <<https://outraspalavras.net/geopoliticaeguerra/boaventura-um-mundo-sem-fronteiras/>>.

⁴ DEBORD, Guy-Ernest. *Relatório para a construção de Situações e sobre as condições de organização de ação da tendência situacionista internacional*. In: BERENSTEIN, Jacques (org.). *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, (Tradução: Estela dos Santos Abreu), p. 43.

⁵O termo faz referência a *Les Trente glorieuses ou La révolution invisible de 1946 à 1975* [Os trinta gloriosos ou a revolução invisível], estudo do economista Jean Fourastié publicado em Paris pela editora Fayard em 1979. *Trente glorieuses* caracterizou um ciclo de intensa expansão da industrialização e relativa estabilidade no crescimento de economias nacionais, tanto no centro do capitalismo quanto na periferia do sistema, e que teria se iniciado com a reconstrução da Europa no pós-guerra e se encerrado com a “Crise do Petróleo” em 1973. A maioria dos países ocidentais, assim como na Ásia, em especial o Japão, também foram marcados por essa fase de expansão conhecida - na Alemanha e na Itália em particular - sob o nome de “milagre econômico” (que no Brasil corresponde aos “anos de chumbo” do período ditatorial, entre 1969-1973) ou, mais genericamente, “idade de ouro” do crescimento.

⁶JAPPE, Anselm. *Guy Debord*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999 (Tradução: Iraci D. Poleti), p. 75.

⁷FEBVRE apud HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo* [2003]. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. (Tradução: Patrícia C. R. Reuillard e Vera Chacham), p. 21.

⁸BANHAM, Reyner. *Teoria e projeto na primeira era da máquina*. São Paulo: Perspectiva, 1975 (Tradução: A.M. Goldberger Coelho), p. 11.

⁹VIANNA, Marina. *Cidades em contraste - Nova Babilônia e Brasília nos anos 1950 e 1960*. São Paulo: USP, 2011. Ver especialmente o item DESVIO: *A poética do avião e do Homme Jet*, p. 119-123.

¹⁰A expressão ganhou projeção mundial depois por meio do escrito *Trois Mondes, une planète*, de “Terceiro Mundo” apresentada pelo demógrafo Alfred Sauvy em agosto de 1952 no [L’Observateur, 14 août 1952, nº118, page 14].

¹¹JAMESON, Fredric. *Periodizando os anos 60* [1985]. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991 (Tradução: César Brites e Maria Luiza Borges). p. 84-85.

¹²DEBORD, [1957], 2003, p. 54.

¹³Por *colonialidade*, consideremos a recente definição de Michel Cahen: “o conjunto das formações e relações sociais produzidas pelas formas de exploração não capitalistas da dominação capitalista ao longo da sua expansão”. Cahen, divergindo de outras definições para o mesmo fenômeno, diferencia “a expansão capitalista” do “modo de produção capitalista”. Enquanto “o capitalismo nasce em Gênova durante o século XIII, sob forma bancária, expandindo-se à Península Ibérica sob a forma mercantil entre os séculos XIV e XVI”, “o modo capitalista de produção nasce no século XVIII na Europa do Norte, mercê em particular da acumulação arrancada do Sul”. A contribuição de Cahen para uma compreensão crítica da colonialidade é coroada com a seguinte consideração: “mesmo quando o modo de produção capitalista já existia, foi de todo interesse deste capitalismo não expandir o tal modo de produção, evitar a proletarianização dos subalternos, pois “a articulação desigual de modos de produção” é “indispensável à dominação capitalista”. Ver em: CAHEN, Michel. *O que pode ser e o que não pode ser a colonialidade: uma abordagem pós-colonial da subalternidade*. In: BRAGA, Ruy; CAHEN, Michel. *Para além do pós-colonial*. São Paulo: Alameda, 2018, p. 50-51.

¹⁴NIEUWENHUYNS, Constant. *Relatório de Abertura da Conferência de Munique*. In: BERENSTEIN, Jacques (org.). *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, (Tradução: Estela dos Santos Abreu), p. 106.

¹⁵DEBORD, Guy. *Introdução a uma crítica da geografia urbana* [1955]. In: BERENSTEIN, Jacques (org.). *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, (Tradução: Estela dos Santos Abreu), p. 39.

¹⁶ROMERO, Pedro. G. *Los nuevos babilônios*. In: PINEDA, Mercedes (Org). *Constant Nueva Babilônia* [Catálogo]. Madrid: Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, 2015, p. 70.

¹⁷PEREIRA, Eliete d Silva. *E-Diáspora Cabila: notas sobre a migração conectada contemporânea*. Anais do XXVIII Encontro da Compós, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS, 11 a 14 de junho de 2018, p. 6. Disponível em: <http://www.compos.org.br/anais_texto_por_gt.php?idEncontro=Mjg=>. Acessado em: 3/11/2019.

¹⁸WACQUANT, Loïc. Nota n 2 In: BOURDIEU, Pierre. *A odisséia da reapropriação: a obra de Mouloud Mammeri* [1989]. In: Rev. Sociol. Polít., Curitiba, 26, p. 93-95, jun. 2006, p. 93. (Tradução: Luciano Cobato). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782006000100008-&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 3/11/2019.

¹⁹BOURDIEU, Pierre. *Diálogo sobre a poesia oral na Cabília. Entrevista de Mouloud Mammeri a Pierre Bourdieu*. Rev. Sociol. Polit. no.26 Curitiba June 2006, p. 62. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782006000100006>.

²⁰DEBORD, [1955], 2003, p. 39.

²¹Idem, p. 40.

²²Idem, p. 41.

²³DEBORD, p. 41.

²⁴DEBORD, p. 42.

²⁵DEBORD, Guy. *Teoria da Deriva* [1956]. In: BERENSTEIN, Jacques (org.). *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, (Tradução: Estela dos Santos Abreu), p. 87.

²⁶Idem, p. 88.

²⁷MCDONOUGH, Thomas F.. *Situationist Space*. OCTOBER 67, Winter 1994, pp. 59-77.

²⁸DEBORD, p. 90.

²⁹DEBORD, p. 91.

³⁰IVAIN, Gilles. *Formulário para um novo urbanismo* [1953]. In: BERENSTEIN, Jacques (org.). *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, (Tradução: Estela dos Santos Abreu), p. 67-71.

³¹*The Alba Platform*. Potlatch #27 (2 November 1956). Disponível em: <<https://www.cddc.vt.edu/sionline/presitu/alba.html>>.

³²KURCZYNSKI, Karen; PEZOLET, Nicola. *Primitivism, Humanism, and Ambivalence: Cobra and Post-Cobra*. RES 59/60 SPRING/AUTUMN 2011, p. 295. Disponível em: <<https://works.bepress.com/kkurczynski/2/>>.

³³TEYSSOT, Georges. *Aldo Van Eyck and the rise of an ethnographic paradigm in the 1960s*. In: Joelho – Revista de Cultura Arquitetônica. Coimbra: Abril de 2011.

³⁴O deslocamento de Constant nessa obra encontra paralelo em *A dúvida de Cézanne*, ensaio de Merleau-Ponty publicado em 1945. MERLEAU-PONTY, Maurice. *A dúvida de Cézanne* [1945]. In: *O olho e o espírito* [1960]. São Paulo: Cosac & Naify, 2004, p. 133. (Tradução: Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão).

³⁵GATHERCOLE, Sam. *British Constructivist Art*. British Art Studies, n. 3. <<https://doi.org/10.17658/issn.2058-5462/issue-03/sgathercole>>.

³⁶CORBUSIER; OZENFANT apud RICKEY, p. 38.

³⁷RICKEY, George. *Prefácio*. In: *Construtivismo. Origens e evolução*. São Paulo: Cosac Naify, 2002 (Tradução: Regina de Barros Carvalho).

³⁸No texto para o catálogo da exposição *Constant: Space + Color*, realizada em 2016 no Cobra Museum, Ludo van Halem observa que, desde 1955, quando Constant projeta o *Monumento para a reconstrução* para a exposição 'E55' em Rotterdam, até 1959, o artista estaria empenhado em "conectar" sua produção ao "espaço sideral, cuja 'conquista' na segunda metade da década de 1950 tornou-se parte da Guerra Fria entre Ocidente e Oriente". Em 4 de outubro de 1957, a União Soviética lançou o satélite *Sputnik* inflamando um "contexto futurista e tecnológico sem precedentes para a obra de Constant", o que o teria levado a descartar o termo "construção" de suas esculturas do período, dando a elas títulos como "Espaço e movimento" (1955), "Observatório" (1956), "Circo espacial" (1957), "Embarcação Solar" (1959). Isso o inseria em um quadro cotidiano de celebração do "mundo da energia, engenharia, química e viagem espacial" para o qual livros como *Mechanization Takes Command* (1948), de Sigfried Giedion, *Automation: The Advent of the Automatic Factory* (1952), de John Diebold, e filmes como *This is Automation* (1955), da General Electric, contribuíram para "familiarizar o público mais amplo com o assunto, nutrindo a fé otimista no progresso expresso por Constant em textos como 'Tecnicismo' ou 'Amanhã a poesia habitará a vida' em 1956". Ver em: HALEM, Ludo van; HORST, Trudy Nieuwenhuys-van der. *Constant: Space + Colour: From Cobra to New Babylon*. Rotterdam: nai010 Publishers, 2016, p. 14.

³⁹GONÇALVES, G. R. *Do urbanismo unitário à crítica ao urbanismo: um percurso sobre a cidade e o urbano na Internacional Situacionista*. Geosp – Espaço e Tempo (Online), v. 21, n. 2, p. 518-530, agosto. 2017, p. 520.

⁴⁰McGOWAN, Jérémie Michael. *Revisiting New Babylon: The Making and Unmaking of a Nomadic Myth*. PhD by Research, History of Art – The University of Edinburgh, 2011, p. 101.

⁴¹Segundo Constant, a Internacional Letrista sempre o enviava cópias do boletim informativo *Potlatch* (1954-1957) (Ver em: BOERSMA, 2005). Provavelmente, o artista recebeu a edição de número 27 (2 de Novembro), onde os letristas divulgaram os pontos de consenso alcançados com o *Primeiro Congresso dos Artistas Livres*, sendo o principal deles sobre a importância do Urbanismo Unitário. Na mesma edição o ex-Cobra poderia encontrar críticas ao “moderno” e aos seus “veteranos de vanguarda que se tornaram inofensivos”, como Le Corbusier; ou também uma denúncia sobre um “falso revolucionário” da libertação argelina, excertos de Alain Jouffroy sobre a “situação da jovem pintura em Paris” e de Albert Paraz sobre os próprios letristas; além disso, observações irônicas sobre os ritos de consagração no mundo artístico e seu “jesuíta” Tapié; e, por fim, revelações sobre a “verdadeira” ocupação dos surrealistas. Também é possível que tenha recebido cópias das edições n.6, com *Introdução a uma geografia urbana*, e n.9, com *Teoria da Deriva*, da revista *Les l'évres nues*.

⁴²O termo, carregado de estigmas, tem sido substituído por “sinti”, “povo de Roma”, “romani”. Mantem-se aqui o termo “cigano” conforme subscreve Nicolas Ramanush, presidente da Embaixada Cigana do Brasil. Ver mais informações em: <<http://www.embaixadacigana.org.br/index.htm>>.

⁴³Etnicidade cigana que chegou à Austria e à Alemanha na Idade Média, expandindo-se na França e na Itália. Ver em: <http://www.embaixadacigana.org.br/etnicidades_ciganas_no_brasil.html>.

⁴⁴HALEM; HORST, p. 134.

⁴⁵ROMERO, p. 79.

⁴⁶ROMERO, p. 72. A área tem sido utilizada pelos povos sinti desde o final do século XIX. Em 1974, o local foi oficialmente destinado a esse uso, para a “frustração” dos interesses mercadológicos no local. Ver em: GRIFFIN, Christopher. *Nomads under the Westway: Irish Travellers, Gypsies and Other Traders in West London*. University Of Hertfordshire Press, 2008, p. 109.

⁴⁷ROMERO, p. 79.

⁴⁸McGOWAN, p. 117. A referência à carta consta na resposta do prefeito datada de 8 de março do mesmo ano.

⁴⁹MIYADA, Paulo. *Superfícies: New Babylon* (Constant Nieuwenhuys e Internacional Situacionista, 1958-74) e *Gli Atti Fondamentali* (Superstudio, 1972-73). São Paulo: FAUUSP, 2013.

⁵⁰DEBORD, [1957], 2003, p. 45-46.

⁵¹Idem, p. 55.

⁵²NOGUEIRA, Rodrigo. *A situação construída*. São Carlos: IAUUSP, 2012.

⁵³McGOWAN, p. 208.

⁵⁴Título do livro de Constant dedicado à Nova Babilônia. Com cerca de 160 páginas e escrito em holandês e em alemão, o manuscrito mais extenso do artista sobre o assunto permanece não publicado nos arquivos do Netherlands Institute for Art History [RKD]. Mais sobre esta obra ver McGOWAN, 2011.

⁵⁵INTERNACIONAL SITUACIONISTA. *O Urbanismo Unitário no fim dos anos 1950* [IS n. 3. Dezembro, 1959]. In: BERENSTEIN, Paola. *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

⁵⁶HANCOCK apud McGOWAN, p. 242.

⁵⁷TRUMPENER apud McGOWAN, p. 242.

⁵⁸McGOWAN, p. 190.

⁵⁹NIEUWENHUYS [1963] apud McGOWAN, p. 191.

⁶⁰NIEUWENHUYS; van GARREL; KOOLHAAS [1966] apud McGOWAN, p. 153.

⁶¹VOIVOD apud NIEUWENHUYS, Aton Constant. *New Babylon*, 1974. Ver em: LAMBERT, Jean-Clarence. *Art et Utopie*. Paris, Éditions Cercle d'Art, 1997.

⁶² VOIVOD apud McGOWAN, p. 195.

⁶³ LOGROU, Els. *A arte do outro no Surrealismo e hoje*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 14, n. 29, p. 217-230, jan./jun. 2008.

⁶⁴ NIEUWENHUYS [1974] apud McGOWAN, p. 208.

⁶⁵ Constant se refere à obra homônima do historiador holandês Johan Huizinga, publicada pela primeira vez em alemão em 1938, na Suíça. HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2000, (Tradução: João Paulo Monteiro).

⁶⁶ KURCZYNSKI; PEZOLET, p. 299.

⁶⁷ NIEUWENHUYS, Constant. *Relatório de Abertura da Conferência de Munique* [Potlatch, 1959]. In: BERENSTEIN, Jacques (org.). *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, (Tradução: Estela dos Santos Abreu), p. 106.

⁶⁸ NIEUWENHUYS, Constant. *Sur nos moyens et nos perspectives*. in : Internationale situationniste no. 2 (December 1958) 23-26. Publicado em português como *A propósito de nossos meios e nossas perspectivas*. In: BERENSTEIN, Jacques (org.). *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, (Tradução: Estela dos Santos Abreu), p. 92-93. Também disponível também em inglês em: <<https://stichtingconstant.nl/documentation/sur-nos-moyens-et-nos-perspectives>>.

⁶⁹ DEBORD, [1956], 2003, p. 87.

⁷⁰ NIEUWENHUYS, Constant. *O grande jogo do [Potlatch, n. 30, julho de 1959]*. In: BERENSTEIN, Jacques (org.). *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, (Tradução: Estela dos Santos Abreu), p. 99.

⁷¹ NIEUWENHUYS, Aton Constant. *New Babylon*, 1974. Ver em: LAMBERT, Jean-Clarence. *Art et Utopie*. Paris, Éditions Cercle d'Art, 1997.

⁷² NIEUWENHUYS, Constant. *Outra cidade para outra vida* [I.S. n. 3, dezembro de 1959]. In: BERENSTEIN, Jacques (org.). *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, (Tradução: Estela dos Santos Abreu), p. 114.

⁷³ NIEUWENHUYS, 1974.

⁷⁴ BOLTANSKI, Luc; CHIAPPELLO Ève. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009. (Trad. Ivone C. Benedetti).

⁷⁵ DEBORD, Guy. *Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. (Trad: Estela dos Santos Abreu)

⁷⁶ O termo, segundo Foucault, é mais apropriado do que a ideia de "origem". Enquanto esta última pretende ser uma "identidade ainda preservada", a proveniência, como começo histórico das coisas, "é a discórdia entre as coisas, é o disparate". FOUCAULT, Michel. *Nietzsche, a genealogia e a história*. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979 (Trad.: Roberto Machado).

⁷⁷ BOUNIOL, Béatrice. *Peut-on imaginer un monde sans frontières?* La Croix, publicado em 21/02/2018. Ver em: <<https://www.la-croix.com/Monde/Peut-imaginer-monde-sans-frontieres-2018-02-21-1200915357>>.

⁷⁸ DEBORD [1956], 2003, p. 90.

⁷⁹ WIGLEY, Mark. *Hospitalidad extrema*. In: PINEDA, Mercedes (Org). *Constant Nueva Babilônia* [Catálogo]. Madrid: Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia, 2015.

⁸⁰ Boaventura se refere à Conferência de Berlim de 1884/85, que estabeleceu regras fixas para a chamada Partilha da África. Ver em: DOPCKE, Wolfgang. *A vida longa das linhas retas: cinco mitos sobre as fronteiras na África Negra*. Rev. bras. polít. int. [online]. 1999, vol.42, n.1, pp.77-109. <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-73291999000100004&script=sci_abstract&tlng=pt>.

⁸¹ Ver nota 13.

⁸² DEBORD, Guy-Ernst; NIEUWENHUYS, Constant. *A declaração de Amsterdã* [I.S. n. 2, dezembro de 1958]. In: BERENSTEIN, Jacques (org.). *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, (Tradução: Estela dos Santos Abreu), p. 96.

⁸³INTERNACIONAL SITUACIONISTA. *Crítica ao urbanismo* [I.S. n. 6, agosto de 1961]. In: BERENSTEIN, Jacques (org.). *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, (Tradução: Estela dos Santos Abreu),p. 132.

⁸⁴JACOBY, Russell. *O fim da utopia: política e cultura na era da apatia*. Rio de Janeiro: Record, 2001. (Trad. Clóvis Marques).

⁸⁵Sobre isso, ver a análise do historiador da arquitetura Gerges Teyssot sobre a “emergência quase obsessiva”, em conferências e periódicos do final dos anos cinquenta, da ideia de “fronteira” e “limite” entre os membros do TEAM 10. Em: TEYSSOT, 2011.

⁸⁶Trecho discurso da I.L. em Alba, 1956. Ver em: GONÇALVES, p. 521.

⁸⁷MBEMBE, op. cit.

Recebido [Ago. 27, 2019]

Aprovado [Jan. 18, 2021]